



Quinzenário — Autorizado pelos CTT a circular em invólucro fechado de plástico — Envoi fermé autorisé par les PTT portugais — Autorização N.º 190 DE 129495 RCN

16 de Julho de 2000 • Ano LVII - N.º 1470
Preço 40\$00 (IVA incluído) — Propriedade da Obra da Rua Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo • Director: Padre Carlos • Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato — 4560-373 Paço de Sousa
Tel. (255) 752285 - FAX 753799 - Cont. 560788898 - Reg. D. G. C. S. 100398 - Depósito Legal 1239

16 de Julho

NESTE Ano da Graça é um dia verdadeiramente jubilar aquele em que celebramos os quarenta e quatro anos do nascimento para o Céu de Pai Américo.

Em Moçambique — onde ainda alinhavo estas notas; de onde o Américo escrevia em Agosto de 1922 que «gostava a valer de Lourenço Marques e por vontade própria não escolheria outra terra para trabalhar» — nesta terra e nesse mesmo ano, se «lhe abriu o caminho da luz» que o levou a outra terra, e terra de ninguém, que ele escolheu para trabalhar e, pela sua Obra, transformou em terra possuída. A Rua é assim: tanto de ninguém... como de todos se for pisada responsabilmente e tomada como lugar de encontro e de fraternidade pelos que nela passam.

«Mudar é próprio do homem», lembrava muitas vezes o Américo, agora Pai de muitos filhos. E esse resto de 1922, até Outubro de 1923, foi de mudanças constantes e contraditórias. Ele próprio recordou o que foi esse tempo, trinta anos mais tarde quando voltou a Moçambique de visita: «Era

então um fugitivo. Verdadeiramente não sabia o que queria, tão pouco para onde caminhava! Tudo era indecisão. Tinha perdido os sentidos. E contudo era eu. Eu pensava. Vivía. Começou então a luta. O homem e a Graça. Esta havia de vencer, sim, mas até aí, quanta dor, meu Deus!»

São assim «os caminhos da luz»: tortuosos, no princípio; tenebrosos, de quando em vez; sempre, estreitos e íngremes.

Este ano, este dia é particularmente jubilar. De como foi aqui a Ordenação e Missa Nova do Padre Custódio já ele disse algo e eu também. Aqui era tempo de acabar a festa — e acabou mesmo com a ida dele a Benguela, a dar vez ao Padre Manuel António que, no Porto, poderá recordar a sua Ordenação na de outro Manuel António por ele baptizado, sobre o qual irá impor também as suas mãos unguidas. Particularmente jubilar por esta graça de podermos repetir em tão breve período semelhante e tão preciso dom. Na história da Obra só uma vez tal aconteceu. Faz quarenta e três anos, estes dias. Os três que

ficáramos, órfãos, de pouca idade, sem experiência, sem prestígio, sem outra força que não fosse a da própria juventude e a do ideal que nos animava, estremecíamos de cansaço após um ano de luta extraordinariamente dura, a cuja lembrança ainda hoje estremeço. Adivinhava-se, pois, a emoção com que recebemos Padre Manuel e Padre Acílio! Mais dois, em três — foi uma riqueza! E foi um princípio de crescimento, a marcar um segundo tempo da Obra, após o Fundador; e a esclarecer os que previam a morte dela com a morte dele, que a Obra não era dele, mas de Deus! Porque se assim não fosse, tinham muita razão para os seus presságios!

É esta emoção que agora revivemos, não apenas os três (reduzidos a dois, que Padre Horácio já vê a outra luz que nós não vemos!) mas todos os que temos razões para estremecer pelo desgaste natural da vida, desta vida que, ordinariamente, é dura. Que este alvorecer de Esperança seja sinal de crescimento e cresça ao pleno dia como aconteceu há quarenta e três anos. E a Força que sempre sustentou de pé a nossa fragilidade, seja a mesma e a única em que procurem sustentar-se os que hão-de vir.

Padre Carlos

BENGUELA

Momentos privilegiados

ESTOU a escrever ao som dos batuques e cânticos de louvor e acção de graças pela presença do Padre Custódio, no meio de nós. Primeiro, em Moçambique, na Sé Catedral de Maputo e na Casa do Gaiato; agora, em Angola, na Casa do Gaiato de Benguela. São momentos privilegiados da vida da Obra da Rua, em meados do ano 2000. É sangue novo a correr pelas veias do organismo vivo, gerado, primeiro, no coração de Pai Américo, e nascido há sessenta anos. Assim é a Obra da Rua.

Viver da Fé significa risco e aventura. Em todos os tempos foi. E hoje? Toda a gente busca a segurança da matéria, segundo o espírito do mundo. A revolução que salva este mundo concreto está no sermão das Bem-aventuranças. Só nele. Os Pobres que o são no seu íntimo pertencem à galeria dos heróis. Seu trabalho e memória boa ficam para sempre. Experimentai e vereis.

Ontem, domingo, a nossa Casa esteve em festa. Na celebração da Eucaristia, presidida pelo Padre Custódio, entrámos no segredo da sua vocação de Padre da Rua. A paixão pelos mais pobres, onde estão vivas as cicatrizes do Ressuscitado, foi decisiva. As seguranças humanas e outras estruturas religiosas não eram o seu lugar. À medida que se abeirava das feridas escondidas no coração de cada rapaz, ia ouvindo o murmúrio do Espírito que o chamava. Não fez mais que obedecer. Vemo-lo, agora, feliz no meio de nós. Na hora em que escrevo, ei-lo a acompanhar o tempo de estudo, qual irmão mais velho, junto de irmãos mais novos e inseguros. Por isso, os rapazes dançaram, cantaram e agradeceram.

Depois destas horas de gozo, saboreadas antes da partida para Portugal, à busca dum pouco de repouso, virão outras semelhantes com a ordenação sacerdotal do Manuel António Mendes, em 9 de Julho. Estarei lá, pela graça de Deus. O Padre Custódio, entretanto, ficará ao leme da Casa do Gaiato de Benguela. Alegremo-nos todos!

Padre Manuel António

SETÚBAL

Tratamento das crianças abandonadas

APANHEI, há dias, no jornal *O Correio de Coimbra*, uma reflexão do Senhor Bispo de Aveiro, D. António Marcelino, sobre as crianças abandonadas e o seu tratamento por gente que devia ser responsável e cuja opinião sentimos ser a da maioria daqueles que detêm o poder legal sobre a criança desprotegida e também da criança amparada numa Casa do Gaiato.

A forma desconfiada como somos tratados e como são tratados certos casos de miúdos nossos pelos detentores legais do poder, confirmam que a opinião dessa pessoa é genera-

lizada na cabeça, na vida e na actuação insensata, injusta e prejudicial de quem decide.

Vítimas são sempre as crianças sem família. Que eles foram sempre privilegiados por uma família abundante em recursos de toda a ordem, formação académica, e gozam de um estatuto social e económico dos melhores entre todos. Com os Despidos da sensibilidade adquirida nos ambientes degradados, arrogam-se de uma sabedoria falsa e corrente em muitos meios forenses ou a eles ligados.

Continua na página 4

Aqui sinto-me em casa

A minha chegada à Casa do Gaiato de Benguela foi uma festa! Nunca me esquecerei daquela recepção tão calorosa que os nossos rapazes me ofereceram. A verdade é que eu já não sabia se estava em Benguela ou em Maputo, o que sei é que logo que pus os pés na Casa do Gaiato de Benguela senti-me em Casa. Aprendi muito nesse dia. Aprendi que um Padre da Rua não é pai só da sua comunidade, mas sim de todas as Casas da Obra da Rua. Sem palavras, mas pelo seu gesto, os rapazes de Benguela ensinaram-me essa grande lição.

Graças a Deus, no dia 11 de Junho, vi o meu sonho realizado quando fui ordenado sacerdote para o serviço da Obra.

Todos queriam saber muita coisa acerca de mim. Quem eu era; o que me levou a ser Padre da Obra e qual era o meu sentimento por ser o primeiro Padre africano da Obra da Rua. Até hoje eles ainda estão interessados em saber muita coisa acerca de mim e da Casa do Gaiato de Maputo.

O que eu aprecio muito nos nossos rapazes daqui, da Casa do Gaiato de Benguela, é que apesar de serem pobres e muito simples, eles estão felizes, cheios de vida e entusiasmo. Não existe coisa mais linda para um Padre da Obra! Isso me impressiona muito e me dá força e coragem no meu serviço.

A Casa do Gaiato de Benguela surpreendeu-me muito. Quando saí de Moçambique pensei que as festas já tinham terminado. Com eles aprendi que a festa só acabará no Céu. No domingo, dia 2 de Julho prepararam a festa da «Missa Nova» na Casa do Gaiato de Benguela. «Também queremos celebrar consigo na simplicidade, e à nossa maneira, a festa de acção de graças pela sua presença no meio de nós» — disseram os rapazes. Isso deixou-me muito emocionado. A festa foi muito bonita e profunda. A Eucaristia foi celebrada na Capela das Monjas, na presença de todos os nossos rapazes, dos antigos gaiatos e dos Amigos da Casa. O almoço foi partilhado por todos com muita alegria num ambiente familiar.

E, agora, o que me resta dizer é: «muito obrigado rapazes de Benguela». Em pouco tempo vocês ensinaram-me muito acerca da vida dum Padre da Rua. Continuem felizes na vossa simplicidade.

Padre Custódio Langane



Padre Custódio após a Ordenação

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

VIÚVAS — Recentemente fomos abordados por um trabalhador, membro de família numerosa.

Ele constrói prédios e, com a mão na massa, sabe o sacrifício que sente no acabamento de sua própria moradia, em um montado.

Com outro irmão choram ambos a situação duma familiar, viúva, ora no reino dos excluídos pelos filhos que deu à luz...! Infelizmente, a sociedade de consumo gera destes males no seio de alguns agregados, sendo vítimas os mais fracos ou os mais fracas.

Pedem um tecto para a pobre mulher e para ela sair do inferno onde está. Vamos a ver...

Quem dera, porém, que este mundo retorcido, altere seu rumo a bem da Humanidade.

CASAS PARA POBRES

— Estão aqui implantadas, há cinquenta anos, quinze moradias do Património dos Pobres. As primeiras que Pai Américo levantou para dar tecto aos sem-tecto. Sobretudo para acordar o mundo de braços cruzados.

A conservação delas, ao longo do tempo, tem sido de nossa conta, dos fundos da Conferência vicentina. Um serviço oneroso, prestado a gerações de utentes. Obviamente, mantemos activo tão valioso património também em memória da Mensagem cristã que Pai Américo pregou, revolucionando a alma, o coração de tantos portugueses que alinharam em sua cruzada lançada por todo o País. Foram então construídas mais de 3.000 casas!

Em função da utilidade e oportunidade que o Movimento ainda tem — e terá — revelamos parte dum recente inquérito às estruturas do Património dos Pobres na diocese; mostra de vinte comunidades com «resposta satisfatória» e dez com «fraca qualidade».

O autor do estudo afirma que «nesta área pode considerar-se como regra a existência de problemas (quem lida com os Pobres compreende ou sofre quase todos eles): degradação de instalações; casas superlotadas por 'não pobres' (recusam-se a sair); clandestinidade; não cumprimento das regras; degradação humana e social; precaridade económica; falta de ligação à Paróquia (porque é Obra essencialmente paroquial); incapacidade de resposta às necessidades, etc.».

Pena que o Fogo, naquele tempo aceso profeticamente por Pai Américo, tenha esmorecido em algumas comunidades!

PARTILHA — Um cheque, abonado, da assinante 17302, de Esposende: «Peço a Deus, em primeiro, pelos meus defeitos; também, pelos meus entes queridos que estão na Eternidade. Apliquem no que for mais necessário àqueles que precisam. Não quero recibo nem precisam de agradecer».

Outro cheque, de mil, da assinante 43442, de Torres Novas, que «se destina aos Pobres da Conferência. Gostaria de poder enviar mais, mas neste momento a vida está muito difícil e não me é possível ir mais além». Termina «com muita gratidão por tudo o que tenho recebido através d'O GAIATO».

Padrão da Léguas (Leça do Balio): «Da assinante 68616, dez mil, para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus». E mais não disse.

Quinze mil, da assinante 4685, de Gondomar: «Sou viúva. Envio um donativo por alma do meu falecido marido. Podem continuar a mandar O GAIATO em seu nome, pois agrada-me vê-lo no endereço».

«Uma portuense qualquer» aparece, de vez em quando, desta feita com «a migalhinha relativa aos meses de Julho e Agosto, oferecida com muito carinho» — que retribuimos com amizade.

Mais dez, da assinante 20856, de Espinho, para «as necessidades dos vossos Pobres. É referente ao primeiro semestre de 2000».

Praia da Aguda: um cheque da assinante 68492, «muito

comovida com a leitura do sofrimento daquela viúva que antes vivia bem e 'agora não', como ela dizia (n'O GAIATO de 3 de Junho de 2000). Para ela e para outras que estão no seu caso. Deus permita que eu possa enviar estas pequenas ajudas». Curiosamente a carta traz, no topo, um pensamento de Teresa de Lisieux: «A Alegria habita no mais profundo da alma. Podemos possuí-la tanto numa escura prisão como num esplêndido palácio».

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

O nosso endereço: Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, a/c do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa.

Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

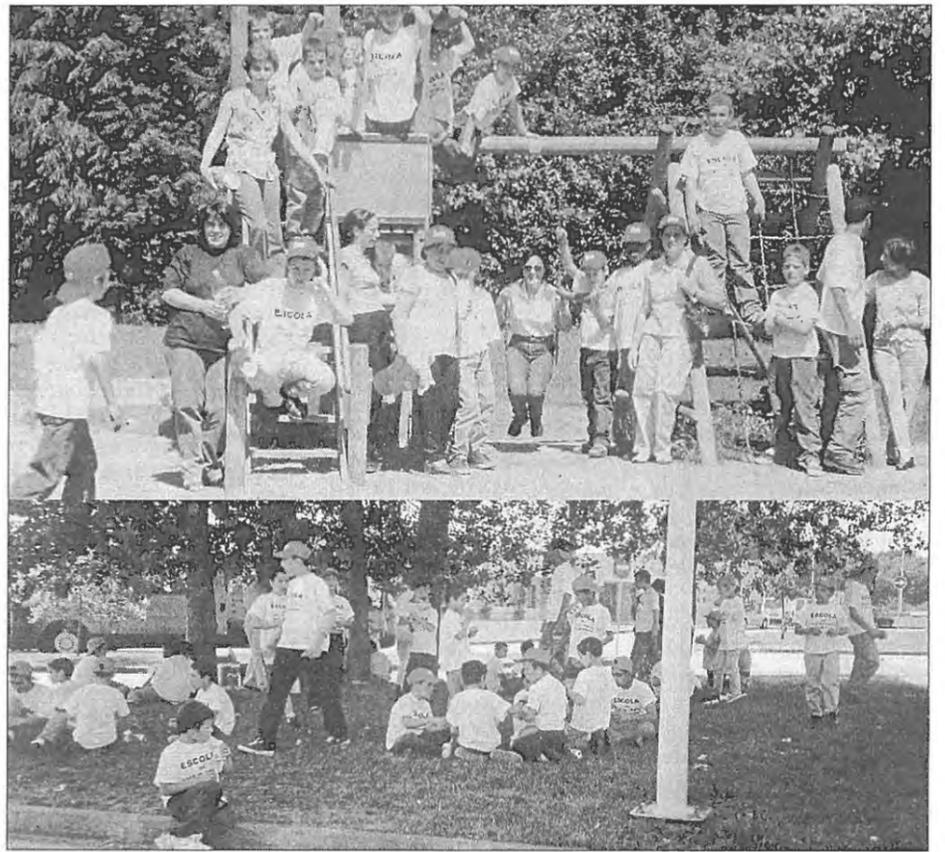
PASSEIO ESCOLAR

No dia 15 de Junho os alunos do 1.º ciclo do Ensino Básico, da Casa do Gaiato de Paço de Sousa, realizaram o seu passeio escolar.

Saímos da Casa do Gaiato cerca das 8.30 h. Fomos visitar o parque biológico de Avintes, em V. N. de Gaia. Vimos, lá, várias espécies de animais: raposas, búfalos, abutres, cavalos, burros, veados, porcos, ovelhas, mochos, pica-paus, águias, fuinhas, gaiotas, tartarugas, corujas, etc. E plantas: sobreiros, pinheiros, castanheiros, carvalhos, videiras, tomilhos, camélias, loureiros, hortelã, mendronheiros, etc.

Também vimos um moinho de água e uma grande variedade de sementes. Merendámos no parque das merendas e brincámos nos baloiços.

Fomos almoçar à Escola Primária de Arcozelo — onde fomos muito bem recebidos. Dirigimo-nos ao Aquário da praia da Aguda onde havia diversos animais aquáticos: polvos, estrelas-do-mar, enguias, trutas, tartarugas-do-mar, camarões, santolas, sapa-teiras, etc.



No parque biológico de Gaia

Passámos pelo aeroporto e vimos os aviões a aterrar e a descolar.

Voltámos a merendar mais algumas coisas e regressámos a Casa.

O nosso passeio foi possível graças à colaboração do Presidente da Câmara de Gaia e de Cláudio Maurício Pinto que nos cedeu a camioneta. Obrigado.

Um cronista

VISITANTES — Ultimamente, não tem havido muitos visitantes, em dias úteis. Normalmente, alunos de escolas básicas e secundárias. As aulas já acabaram. E não falta quem espera ter passado de ano.

«MISSA NOVA» — O nosso Manuel Mendes foi ordenado no dia 9 de Julho, na Sé Catedral do Porto; e, nesse mesmo dia, celebrou na Igreja de Paço de Sousa — monumento nacional. A paróquia dispensou-lhe uma boa recepção, pois há cerca de sessenta anos não era ordenado um filho natural desta terra.

Amanhã, o novo presbítero celebrará na festa de Pai Américo, participada pela Associação dos Antigos Gaiatos do Norte.

ÉPOCA BALNEAR — Abriu a época balnear, em nossa Casa:

A piscina já funciona e toda a malta se delicia com uns banhos nestes dias de calor.

Regressou o primeiro turno da nossa casa de férias em Azurara (Vila do Conde). Já se prepara o segundo, para beneficiar de umas banhocas que fazem muito bem à saúde.

FUTEBOL — A equipa de juvenis defrontou o F. C. Vizela e perdemos por 5-4. Fomos recebidos com amizade.

Vimos as taças guardadas ao longo dos anos e fotografias históricas da colectividade.

Após o jogo almoçámos e, às 15.30 h, aproveitámos um banho na piscina da colectividade.

PADRE CARLOS — Regressou de Moçambique onde participou na Ordenação do Padre Custódio. Mais um membro responsável da Casa do Gaiato de Moçambique.

Nuno José

FESTAS — Em 22 de Junho os cantores das celebrações eucarísticas foram ver a festa do Tojal. Pelo caminho, parámos em Fátima. Alguns ainda não conheciam o Santuário. Jantámos no Tojal e, depois, apreciámos o espectáculo dos nossos companheiros, que agradeceu a todos nós.

Em 25 de Junho fomos a Miranda do Corvo e apreciámos, também, a festa dos seus gaiatos. É bonita. Dá relevo à Natureza.

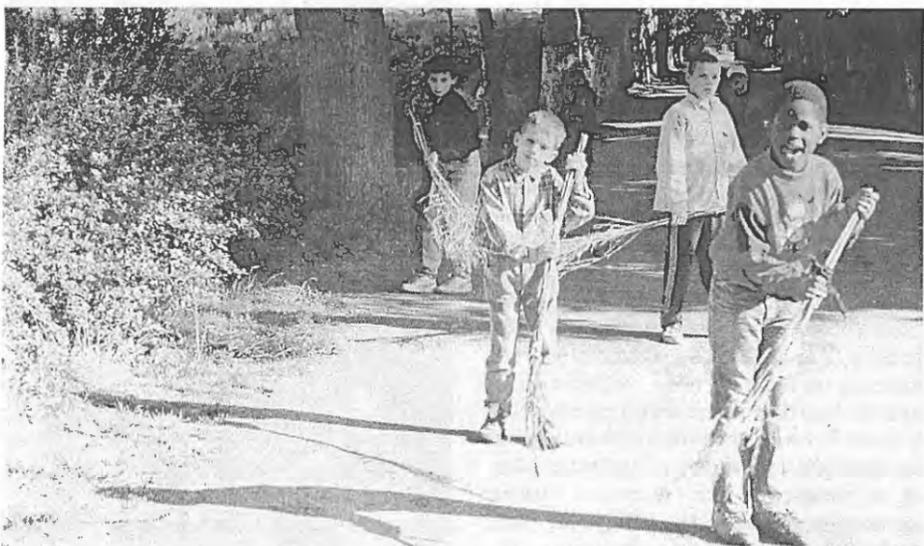
MAIS DOIS — De Setúbal, recebemos o Luís, de 13 anos. E, de Avanca, o Vítor de 9 anos.

Estão a aclimatar-se ao nosso estilo de vida.

«Melão»

MIRANDA DO CORVO

PISCINA — A nossa ida para a piscina (no fim de um dia de trabalho e em dias de calor) já foi inaugurada. Os rapazes, af, estão com muita alegria e entusiasmo. Podem refrescar-se e fazer diversas brincadeiras para esquecerem o calor que, por vezes, se faz



À frente, o Alcides diz que todos eles gostam de limpar a nossa avenida — de Paço de Sousa.

sentir. Mas, ultimamente, tem estado mau tempo e, por isso, não podem ir à piscina!

PRAIA — A nossa casa da praia de Mira está preparada para receber os mais pequenos que vão passar férias.

A limpeza foi feita e tudo o que era preciso levar também já foi. Agora só falta mesmo lá chegar o primeiro grupo para passar as férias.

Esperamos que todos tenham boas férias, e, também, os nossos Leitores.

VISITAS — Nestes últimos meses temos recebido muitas visitas. Agradecemos essa vinda, que tenham gostado de visitar a nossa Casa e de ter passado algum tempo com os nossos rapazes.

Esperamos que apareçam mais visitantes e venham preparados para disputar uma partida de futebol porque há já algum tempo que não jogamos contra uma equipa de fora.

AGRICULTURA — A batata foi apanhada das nossas terras. Fizemos uma boa colheita. Agora, falta o milho que está a crescer. Deus permita uma boa colheita como a das batatas.

Na horta, a cebola está boa. O feijão continua a crescer e alguns rapazes estiveram a arrancar erva para ele crescer sem dificuldades.

GADO — O Aviário de Santa Cita, de Tomar, ofereceu trezentos pintos e quarenta dúzias de ovos, recebidos pelos rapazes que tratam do gado como uma coisa espectacular.

Alguns quando viram os pintos ficaram maravilhados por serem tão pequeninos!

Os horrores da guerra

«Muito se ouviu através da Comunicação Social, sobre os horrores perpetrados em Timor. Mas porque Angola, de certo modo, também foi vítima da 'descolonização exemplar', terra onde nasceram os meus filhos, que eu sei, rica de solo e subsolo — de gente simples e sofredora que não merecia o que lhes aconteceu — eu aqui estou com uma pequena contribuição para os gaiatos de Angola. É pouco, mas é o mesmo que enviei para a Igreja de Timor.

Um abraço amigo desta grande admiradora da vossa Obra e da vossa

Cartas

entrega total aos mais pequeninos, aos Pobres e aos Doentes.

Emília»

Enorme apreço

«Junto uma lembrança, como testemunho do meu enorme apreço por essa maravilhosa Obra. Não sendo católico praticante, tenho, no entanto, imensa pena que o vosso exemplo e postura não frutifiquem mais a nível

da Igreja, o que contribuiria, sem dúvida, para o aumento do número de praticantes.

Assinante 30048»

É o único que leio

«Tenho recebido, com regularidade, o vosso Jornal. É o único que leio. A sua leitura, sempre comovente, faz-nos sentir mais fortes quando nos bate à porta qualquer contrariedade; e, ao mesmo tempo, respeito e admiração pelo vosso trabalho. Que Deus vos ajude a levar a cabo tão grande tarefa.

Assinante 28452»

FESTAS — Depois de uma digressão por algumas Regiões do País, as nossas Festas chegaram ao fim.

Elas tratavam, sobretudo, da Natureza, dos seus problemas; eram feitas com muito empenho e brio por parte dos actores.

Agradecemos a presença dos nossos Amigos e é de crer que tenham gostado das exposições.

João «Pequeno»

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS

— «A presença de Jesus. Os Apóstolos navegavam pelo lago de Genesaré. Iam em direcção a Cafarnaum. O Mestre ficara em terra a orar. Era noite. A luz da lua reflectia-se na superfície dos lagos com pálidos reflexos. De repente, levantou-se um forte vento que açoitava a barca e levantava furiosas ondas. Corriam perigo de naufragar. Os Apóstolos, ao verem-se em tal perigo, lembraram-se do Mestre que os tinha mandado partir sós. Por volta das três ou quatro horas da madrugada, ao despontar da aurora, vêem uma figura branca que caminha em direc-

ção a eles. O medo apoderou-se de todos, e começaram a gritar: — *É um fantasma!* Então, ouviram uma voz conhecida que procurava animá-los, dizendo-lhes: — *Sou eu. Não temais.* Era Jesus quem falava. Era Jesus que acabava de dissipar a tempestade e de tranquilizar os corações. Seguiu-se o episódio com Pedro, mas omitindo Jesus a entrar na barca. O vento acalma-se imediatamente. Os discípulos ficaram admirados e possuídos dum religioso receio. Prostraram-se todos aos pés de Jesus e exclamaram em acto solene de admiração: — *Tu és verdadeiramente o Filho de Deus!*

São bem significativas e consoladoras as palavras que Jesus dirigiu aos Apóstolos quando caminhava sobre as águas do lago Genesaré. Não é de estranhar que eles, ao ouvi-las, se sentissem reanimados e fortalecidos. Jesus ao dizer-lhes «sou eu», recordava-lhes tudo o que Ele significava para os Apóstolos: Mestre, Senhor, Amigo, Irmão e Pai. E, acima de tudo, Ele era Cristo, o Filho de Deus.»

(Meditações do livro *Cristo Vivido*)

OFERTAS — Dolores, de Braga, a habitual oferta de 2.000\$00. «Com um grande abraço para todos, de um coração amigo», 5.000\$00. E uma carta: «Bem hajam por me

RETALHOS DE VIDA

Gil

O meu nome é Gil Emanuel Miranda Costa. Nasci em Serpa (Vila Franca de Xira). Tenho 13 anos. Frequento o 4.º ano de escolaridade. Nasci a 4 de Janeiro de 1987. Somos cinco irmãos. Quem me trouxe para cá, foi uma assistente social porque o meu pai é doente, a minha mãe anda por lá, e eu não ia à Escola. Portava-me muito mal... Quando for grande quero ser padeiro. No entanto, vou tentar estudar até ao 9.º ano de escolaridade. Gosto muito de estar cá, nesta Aldeia tão bonita — na Casa do Gaiato de Paço de Sousa.

Gil Costa



fazerem sentir o desejo de, embora minimamente, fazer alguma coisa pelos que mais necessitam. Eu sei o que envio. Não é nada ao pé de tanta necessidade, mas muitos poucos fazem muito e é gota a gota que se formam os rios».

Assinante 7769 com uma oferta para os mais velhinhos. De M.M., vale de 10.000\$00. Jorge, de Coimbra, 15.000\$00.

Um bem haja para todos os nossos amigos. Pedimos desculpa por a nossa correspondência não ser tão assídua. Mas, como sabem, é tempo de férias, e o tempo é pouco. Deus lhes pague.

Conferência de S. Francisco de Assis — R. D. João IV, 682 — 4000-299 Porto.

Maria Germana e Augusto

DOCTRINA



Se não fosse a Dor, não haveria no Mundo quem soubesse amar!

AQUELE pacote de roupas luxuosas e preciosas de que se falou na crónica derradeira, trazia dentro uma carta de dóç nela uma infinita amargura; pedia-se aos gaiatos orações por alma do irmãozinho falecido e resignação para os desolados pais e avós. A mensagem de saudade foi lida e escutada religiosamente, em acto de comunidade; e os pequeninos cumpriram. Ai que se não fosse a Dor, não haveria no Mundo quem soubesse amar!

DO 54 da rua dos Clérigos retirou-se uma quantidade de dinheiro de dentro de uma caixa de esmolas que ali se encontra à tua espera. Mais uma grande meia dúzia de envelopes com dinheiro e cartas de namoro à Obra da Rua. Mais um pacote de roupas de cama, mais um dito.

NAS ruas da Capital do Norte, de passagem para Coimbra e nuns minutos que ali me demorei, foi um cair de chuva miudinha sem guarda-sóis abertos; só eu é que a apanhei. Eram dádivas de toda a ordem em respeitáveis perguntas de «você é que é o Padre Américo?» Sem desprimor para ninguém, faz-se menção de uma mulher do povo que me deu cinco tostões e foi a que deu mais; e também um sacerdote, que me perguntou quem eu era e deu 100\$00. Mais mil escudos, de Lisboa. Mais 600\$00, de Miranda do Corvo. Mais metade, do Porto. Mais 50\$00 e mais 20\$00 e mais nada.

TENHO lido nos Diários, da Cidade, em suas próprias secções, que a Casa do Gaiato forma a par de outras Casas de Assistência nas listas dos donativos. O Janeiro acusa 250\$00 e o Comércio, outros. É um chover miudinho. Ainda há dias passou na Invicta um tremendo ciclone de bem-fazer e eis que mal refeitos do mal, começam as almas, de novo, a agitar-se. Vai amanhã à Missa das dez e meia e meio-dia aos Clérigos, se queres ver como o vento sopra!

FOI dito no Teatro S. João quando ali estivemos a chorar, que eu havia de mendigar um dispensário para Paço de Sousa. Pois se aquela hora te fez estremecer, estremece agora, também, que o coração vai tomar a palavra. Passou-se na Rua dos Clérigos, um nadinha abaixo do nosso Depósito: — Eu sou aquele pobrezinho do S. João e venho aqui pedir o que puder ser para instalar o dispensário na Casa do Gaiato. — Sim. A minha mulher foi ao Teatro e ouviu. Estamos à espera de um filho... Vai-se-lhe dar tudo o que precisa. O que não vai de beleza moral nesta associação de ideias! Como não há-de ser feliz no seu próprio lar, quem tanto sente a Criança que o não tem! Deus é fiel.

ACODE aos Clérigos, que eu tenho um recado urgente: Quero dizer-te de um pequenino que veio da Covilhã, até à Casa do Gaiato de Miranda do Corvo, pedir abrigo; e de outros que têm ido bater a Paço de Sousa, famintos e andrajosos: — Tome conta de mim! Acossado por tantas angústias alheias, tenho andado por Lisboa a bater luras, mas os coelhos da Capital, talvez por muito batidos, espreitam e tornam para dentro. Só o furão! Hei-de pedir aqui ao vizinho Adolfo que me faça uma gazetilha e pedir um furão para meu uso, em casos de necessidade.

D. Américo!

(Do livro *Pão dos Pobres* — 4.º vol.)

Associação dos Antigos Gaiatos do Norte

PROGRAMA DA FESTA DE 16 DE JULHO EM PAÇO DE SOUSA

09,00 h. — Concentração junto à Capela;

09,30 h. — Reunião da Associação, no edifício da Escola, para eleição dos novos Corpos Gerentes;

10,45 h. — Romagem à campa de Pai Américo onde deixaremos um ramo de flores;

11,00 h. — Celebração eucarística: «Missa Nova» do Padre Manuel António Mendes;

13,00 h. — Almoço.

Eu sou quem?...

Eu sou a criança-grande.
Assim me chamam
Os mais velhos.
Tenho o coração mole
E doce...
Assim me classificam
Os mais espertos.
Mas... o que eles não sabem
É o mais importante
Do meu perfil
Emocional e psicológico
Que guardo em segredo.

Eu sou o gigante.
Assim me chamam
As crianças alegres.
Eu sou fixe.
Assim me tratam
As crianças que se identificam
Com o meu modo simples
E com o meu ar de bonança!
E... de facto são elas
Que estão mais próximas
Do meu ego!

Manuel Amândio

TRIBUNA DE COIMBRA

As Festas terminaram

O palco do auditório da Santa Casa da Misericórdia da Figueira da Foz foi o último a receber-nos, no dia 1 de Julho.

Apesar de termos ouvido aos mordomos e, nós próprios observado, que a data já não era muito favorável, não queremos nem podemos deixar de registar o acolhimento e o carinho com que os rapazes em todo o lado foram acolhidos. A melhor prenda nasce de um coração que sabe acolher. Foi o que mais uma vez aconteceu pelas terras onde andámos. Apesar da «pulverização» de festas socialmente sentida nesta época dos santos populares — altura em que a nossa entrou na «concorrência» — muitos dos nossos antigos e novos gaiatos, não deixaram de estar presentes, preferindo estar connosco.

As Festas correram bem por todo o lado. Mesmo quando alguma coisa não corria com tanta graça por falha técnica ou descuido de algum artista, os espectadores souberam desculpar assumindo o engano como próprio. É o mistério do «outro palco»: os espectadores também são artistas. A comunhão de sentimentos e afectos, a interiorização e a reflexão das vidas escondidas no palco, as lágrimas no rosto, o desejo de um futuro mais risonho para as crianças são notas comuns.

No final, fui dizendo que as nossas Festas poderiam ser entendidas como vivência deste ano jubilar. Creio que toda a gente concordava, pelas reacções visíveis.

Nota particular para Castelo Branco. Regressados, pela manhã, da Covilhã — a Festa em Castelo Branco

seria só à tarde — houve visita guiada à Sé de Castelo Branco, Igreja Jubilar. Visita guiada pelo pároco local e, dentro dos cânones, foi mesmo de graça jubilar. Mas depois foi a concretização digna da graça do jubileu: O almoço dos rapazes oferecido pelas famílias das paróquias da Cidade. A certa altura eram mais as famílias que os rapazes. Foi um momento muito emocionante. Bela peregrinação! Nós corremos o risco de viver as coisas da fé de uma forma cosmética... Esta acção foi uma graça de que Deus concedeu, parece-me, a quem reuniu

condições para a viver. As nossas Festas, dizemo-lo convictamente, são um despertar da letargia e do adormecimento em que facilmente todos podemos cair. Mesmo que a palavra solidariedade seja musicada e cantada aos quatro ventos.

É por isso mesmo que as nossas Festas não podem perder o ritmo, apesar do sacrifício que exigem. Voltaremos no próximo ano. Deixamos aqui uma palavra de agradecimento aos nossos Amigos e mordomos, aos ensaiadores e montadores e aos nossos artistas que tanto se esmeraram.

Padre João

PENSAMENTO

Quem não ama, não tem Vida.

PAI AMÉRICO



Miranda do Corvo: alegres no que é seu!

PASSO A PASSO

Escola aberta da Natureza

TEMOS comido ameixas das nossas com fartura, à sobremesa. Parecem caracóis agarrados aos ramos das ameixoeiras, tanta a fartura com que nos brindou este ano na abundância deste fruto.

Mas sempre que há fruta nas árvores, há rapazes à cata dela. É decerto um qualquer vírus que lhes corre no sangue e lhes hipnotiza o olhar logo que os frutos despontam nas fruteiras.

Para nós, é o início de mais um período escolar nesta escola aberta da Natureza. É o chamar a atenção

para a beleza que constituem os pêssegos ou as ameixas, as maçãs ou os dióspiros, as pêras ou as laranjas suspensas nas árvores que as trouxe à vida. E, depois, as transformações que se vão dando nos frutos, quer no que toca à cor quer ao tamanho. Beleza que só é apreciada por quem sente como suas estas criaturas, e que nos foram dadas para as fazermos nascer e crescer e frutificar. É porque nossas, aí a sua beleza. Doutra forma, passariam despercebidas.

Depois vêm outros valores a ter em conta: é o saber respeitar algo que a todos

pertencendo, não deve ser usado egoisticamente por cada um a seu belo prazer.

Amarrar os rapazes com estes laços à vida, é obra que exige muito tempo e paciência, e sempre traz êxitos e fracassos. Como em tudo o que é vida, há tempo em que é amada e tempo em que é desperdiçada. Sim, porque quando não se ama, desperdiça-se a vida.

Como em toda a actividade escolar, também nesta há que ter em conta os resultados, isto é, corrigir para que aprendam os que não atingiram os objectivos, usando o vocabulário apropriado.

Vai daí que temos, neste momento, oito rapazes sem sobremesa durante uma semana. Castigo pesado que também carregamos e sofremos sempre que eles vêm trazer à nossa mesa o fruto deste pecado, a nós que somos maiores pecadores.

A razão de ser desta nossa atitude e deste querer, encontra um bálsamo no olhar de cada rapaz quando ele se aproxima, e faz, com dignidade e consciência, este ofertório que o ajudará a redimir desta subserviência que transportamos connosco, perante os elementos da Natureza: em vez de dominadores, para que fomos criados, somos tantas vezes escravos daquilo de que haveríamos de ser senhores.

Padre Júlio

Setúbal

Continuação da página 1

Bem precisamos de um debate público como sugere o Prelado Aveirense. A Bem da criança abandonada, estou disponível pro debate.

«Vem-se desenvolvendo em Portugal uma campanha equívoca contra as instituições sociais que acolhem crianças sem família ou de famílias degradadas, gente que, pelo menos de início, ninguém quer, nem ama. As crianças são-lhes entregues pelos tribunais e as instituições estão, de modo geral, credenciadas, com saber e com amor, para cuidar delas com resultados positivos e testados pela vida.»

Há poucos dias, num encontro nacional, gente que devia ser responsável pelo que diz e propõe, opinava assim: «A melhor das instituições é pior que a pior das famílias». Textualmente.

Para além da ignorância de uma realidade com a qual não se pode nem deve brincar, vamos vendo que, quem assim fala, pretende atingir a Igreja. Na prática, entre nós, quem tem dedicação para estes casos preocupantes e urgentes são as instituições, através de quem nelas aceitou, por vocação e opção, ser pai e mãe daqueles que os não têm ou se degradaram a ponto de terem perdido a capacidade para uma tarefa que devia ser, antes de mais, deles e de mais ninguém.

Agora a proposta é de, quanto antes, tirar as crianças a quem as cuida e educa, em muitos casos desde a Maternidade, e fazê-las voltar à família que continua incapaz de as educar, ou entregarem-se a uma família qualquer, sem relação com a criança, dado que, como dizem, a pior das famílias é melhor que a melhor das instituições...

Toda a gente sabe que a Igreja, ao longo do tempo e também entre nós, tem sido sempre a grande defensora da família e trabalhando para que esta seja o lugar normal e sempre desejável, para gerar e educar uma criança. A verdade, porém, é que hoje, por múltiplas razões, há mais gente a destruir a família que a defendê-la e a ajudá-la. A degradação humana e social de muitas famílias, por carência de meios essenciais à sua vivência em dignidade, tem crescido. Daí, também, não faltar procriação irresponsável e muitas crianças a nascerem em cada dia, já com o estigma da exclusão social. As instituições nasceram como resposta a estas necessidades, não as criaram. E são, ainda, elas as que mais fazem para promover as famílias destas crianças, quando são conhecidas e aceitam ser ajudadas.

Se alguma gente responsável, que passa o tempo em reuniões e congressos, sujasse mais os pés nos caminhos da miséria e se dedicasse a conhecer, com realismo, as instituições sérias e as razões que as justificam, se se debruçasse sobre a vida de crianças e jovens, apanhados na rua, e hoje pessoas honestas e felizes, a sua apreciação seria diferente. Os problemas humanos graves, é o caso, não se resolvem com teorias ou destruindo e criticando academicamente. Resolvem-se com colaboração, respeito e empenhamento. Então, sobram as sobranceiras e os preconceitos. As pessoas valem muito, valem tudo. Anular abruptamente um processo que decorre com o equilíbrio possível e se faz com seriedade, esforço e amor, trocando-o por soluções irrealistas e vazias de compromisso é, no mínimo, uma irresponsabilidade. Abra-se debate público, que o caso bem merece.»

Padre Acílio